

Notas e informações**Uma pequena diferença** *Samuel*

Deixando de lado qualquer confronto de ordem doutrinária, pois não é esse nosso objetivo, caberia uma indagação: terá a transição que o presidente José Sarney diz conduzir idêntica repercussão junto à população que o movimento comandado pelo camarada Gorbachev, na União Soviética, a fim de resgatar os princípios fundamentais do leninismo (ou o que ele julga sê-lo) e realiza a modernização da economia soviética, permitindo-lhe alcançar, não se sabe quando, o estágio de desenvolvimento tecnológico da Europa Ocidental?

Gorbachev, pelo que se lê, denuncia os privilégios da burocracia e investe fervorosamente contra o mal maior da sociedade soviética, que é o alcoolismo. Sarney acena timidamente com uma reforma administrativa e depois, pensando na necessidade de oferecer seus serviços à Nação por mais tempo, relega tudo ao esquecimento, além de promover um festim juntamente com os governadores, sabotando os esforços do ministro da Fazenda no sentido de pôr a casa em ordem. Na União Soviética, Gorbachev, o reformador, encontra a resistência de um sistema esclerosado; no Brasil, Sarney, o chamado homem da transição, alia-se ao que o passado tem de mais típico, que é a mentalidade burocrática e o compadrio, com sua conseqüência funesta, que é a corrupção.

A luta de Gorbachev para abrir a sociedade soviética e os esforços de Sarney para manter-se no poder são exemplos para quantos pensam realizar transformações saudáveis no organismo do Estado brasileiro, quando não na própria sociedade. Na União Soviética, os jornais oficiais censuram os correspondentes estrangeiros da *Tass* e do *Pravda* por não informar os cidadãos soviéticos das grandes conquistas tecnológicas já feitas pelo Ocidente no terreno da informática e da biotecnologia. No Brasil, quem se atreveria a dizer, nas televisões oficiais, que a reserva de mercado serve para atrasar o ingresso do Brasil no clube das nações realmente desenvolvidas? Na União Soviética, os que defendem a abertura para o Ocidente contam com o apoio do

camarada Gorbachev; no Brasil, os que sustentarem idêntica posição correrão o risco de ser censurados e tirados do ar — e um dia dos jornais — por pressões do Palácio do Planalto. Na União Soviética, buscase abrir o regime para revitalizar o leninismo; no Brasil, cuida-se de fechá-lo para revitalizar a burocracia e o espírito policialesco próprio dos regimes fechados, além de garantir a sobrevivência da *Coisa Nossa*, essa estranha rede de solidariedades que dificilmente será destruída.

Há coisas em comum, entretanto, entre a União Soviética de Gorbachev e o Brasil de Sarney: é que, lá como cá, a burocracia (os "donos do poder", para sermos exatos) usará, como usa, de todos os recursos para não permitir que a aragem de liberalização penetre na administração pública e na vida social. Em outras palavras, lá como cá, a burocracia, desde que haja interesses em jogo, refuga qualquer controle político — que coisa pretende Gorbachev senão que o Partido Comunista tenha o controle da máquina, e que a burocracia partidária seja submetida ao controle político das bases, como sonhava Lenin antes de assumir o poder?

Na União Soviética, na medida em que a herança do stalinismo é muito pesada, os métodos empregados para coibir os cidadãos que desejam as reformas são mais brutais do que no Brasil: "As armas dos inimigos das reformas — diz uma mulher da região de Kiev — são muito fortes: o poder, a solidariedade do grupo, o nepotismo, os laços de parentesco e de amizade, e esse monstro horrível chamado burocracia. Não se mata a tiros, não se esmortece a golpes de espada, nem se elimina com gás, mas se empurra ao suicídio e ao infarto, quando não se leva um inocente para a prisão".

No Brasil, apesar do Estado Novo e dos 20 anos de autoritarismo, os métodos não são tão brutais — pelo menos por ora. Todavia, as armas dos inimigos das reformas da economia, da administração e da sociedade são mais ou menos as mesmas, e igualmente fortes: o poder, a solidariedade grupal, o nepotismo, os laços de parentesco e de amizade, esse monstro horrível chamado buro-

cracia. Como explicar que homens que auxiliaram o País a trilhar o caminho do autoritarismo estejam agora exercendo posições de poder, a partir das quais podem comprometer o orçamento da União, inviabilizar programas de ajustamento da economia e, o que é pior, impedir nosso progresso tecnológico?

A maior — e mais grave — semelhança entre a União Soviética de Gorbachev e o Brasil de Sarney é que lá como cá a burocracia e os que defendem interesses investidos desejam fazer que os dois países permaneçam à margem do progresso tecnológico ocidental, levantando as estúpidas bandeiras do nacionalismo (que na URSS começam a confundir-se com a do anti-semitismo — até quando se evitará essa associação, no Brasil?) e inviabilizando a pesquisa científica em nome da soberania. Os brasileiros não atentaram para as conseqüências da imposição feita pela SEI a uma empresa estrangeira, que investiu um e meio milhão de dólares para produzir aparelho que os burocratas insistem em dizer que só pode ser fabricado por indústria nacional. A empresa decidiu transferir sua tecnologia para uma empresa nacional, para não criar problemas com a burocracia nem levar inocentes à prisão. Mas os cérebros, os que produziram o invento e desenvolveram a descoberta onde estão? Das mais autorizadas e insuspeitas fontes, chegam informações de que jovens cientistas começam a procurar em países do Ocidente, onde a pesquisa é levada a sério, a tranquilidade e os recursos que não desfrutam e não usufruem no Brasil, onde se favorece tudo o que sustente o *statu quo* e o poder da burocracia, mas não a abertura e a transparência, sem a qual não se faz Ciência e não se moderniza uma economia.

Há, é preciso dizê-lo, uma diferença fundamental entre a União Soviética e o Brasil: Gorbachev sabe que, se malograr em seus esforços de modernização, correrá o risco do fuzilamento ou do degredo em Gorki; Sarney sabe que nada lhe acontecerá se levar o País à ruína ao submeter-se ao nacionalismo do grupo da *poire* e da SEI, e aos interesses burocráticos investidos no lobby das ferrovias.